

# **O PAPEL DA ARTE URBANA NA CIDADE LÚDICA**

**Luiz Antonio Furtado Aguiar**  
**Mestrando em Geografia, PUC-Rio**  
Furtado.luiz14@gmail.com

## **RESUMO**

As cidades crescem em um exorbitante ritmo, em meses se levantam edifícios de muitos andares, pontes e construções. Aqui buscamos nos ater a uma cidade alternativa a cidade produtivista que reflete o capitalismo moderno, uma cidade com espaço a diversão, a frugalidade, a cidade lúdica. No seio dessa discussão delimitamos bem a noção de urbano e centro urbano, posteriormente buscamos exemplos de intervenções lúdicas na cidade e como essas manifestações contribuem para a quebra de um ritmo na cidade.

Palavras-chaves: Urbanismo; Arte urbana; Cidade lúdica; Direito à cidade

## **THE ROLE OF URBAN ART IN THE LUDIC CITY**

### **ABSTRACT**

Cities grow at an exorbitant rate in months rise buildings of many floors, bridges and buildings. Here we seek to stick to an alternative city productionist city that reflects modern capitalism, a city with room for fun, frugality, playful city. In the bosom of this discussion and delimit the notion of urban and urban center, then we seek examples of play interventions in the city and how these events contribute to the breakdown of a rhythm in the city.

Keywords: Urbanism, Urban Art, Ludic city, Righth to the city

## Introdução

Caminhamos todos os dias nas grandes metrópoles do mundo e por vezes somos atravessados por intervenções as quais (concordando ou não) somos impactados. Essas obras que muitas das vezes são praticadas por artistas anônimos são um manifesto a efemeridade da vida moderna, entregando suas manifestações à cidade.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as contribuições da arte urbana para cidade lúdica, com a criação de espaços amenos onde se apresentam como uma espécie de ar em contraponto a vida sufocante das cidades modernas. Essa construção de uma cidade alternativa, no campo da utopia, perpassa pelo imaginário de artistas das mais diferentes vertentes e essa amálgama de indivíduos pensando e intervindo na cidade, arquitetos, pintores, escultores, urbanistas, paisagistas, todos concebendo em suas mentes uma cidade díspar.

Observaremos aqui os muros da cidade como uma construção histórica e sobreposição de realidades, pretéritas e futuras, como quando segundo Besse (2014) em sua abordagem acerca da paisagem e do solo urbano.

O que significa que o solo é o efeito de uma construção histórica, que traz toda uma superposição de passados e que é, ao mesmo tempo, uma reserva para energias futuras (...) (BESSE 2014 p.58)

Seguida de uma reconstituição da história das cidades, nos ataremos em nossos interlocutores para seguir uma abordagem acerca da produção e reprodução da teia urbana de relações. Esbarramos também nas interpelações entre o espaço lúdico e a cidade, buscando traçar uma linha de pensamento na confluência da cidade e seus espaços de amenidade e quebra do cotidiano a partir da arte, trazendo exemplos de intervenções.

## **A cidade na história: sua produção e reprodução**

A vida social moderna se dá na cidade, essa é uma afirmação um tanto quanto incontestável, observamos a cidade como esse centro, nó, da contemporaneidade das relações sociais. Esse centro urbano se apresenta enquanto construído, rígido, estabelecido. Destarte observamos a cidade enquanto construção, instituída, todavia sempre por se construir se apresentando como espaço e suas representações em constante mutação.

A condição urbana das cidades e principalmente das grandes metrópoles é amplamente debatido em diversos autores contemporâneos, ampliando essa discussão a arquitetos, geógrafos, psicólogos, sociólogos e outros pesquisadores da sociedade. Esse é caso do historiador Richard Sennett (2003) que em seu livro dedicado ao papel do corpo na cidade vai discutir a relação entre o corpo e a cidade na história da sociedade. Segundo Sennett (2003)

O individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações. A dificuldade dos estrangeiros manterem um diálogo entre si acentua a transitoriedade dos impulsos individuais e de simpatia pela paisagem ao redor - centelhas de vida não merecem mais que um lampejo de atenção. (SENNETT 2003 p. 289)

Essa conjuntura das cidades modernas é um amplo espaço de debate, em que as transformações e reestruturações do capitalismo acarretaram uma forte influência na conformação desse modelo de metrópole que vivemos hoje. Observamos em Henri Lefebvre uma singular contribuição no pensamento da cidade nesse novo momento, de transmutação da cidade. Essa mudança que se dá na forma e conteúdo (e porque não forma-conteúdo) da cidade se faz presente nas discussões do autor desde seus primórdios. Trazemos aqui a contribuição de Lefebvre (1971) em um livro de compilados de artigos publicados de 1949 e 1969, o autor já discutia essa mudança na estrutura da cidade.

La forma de la ciudad esta sufriendo una metamorfoses, sus funciones se transforman y funciones nuevas se añaden a las antiguas, mientras algunas de estas desaparecen. En resumen, las estructuras están siendo profundamente modificadas. (LEFEVBRE 1971 p. 205)

Essa mudança estrutural da cidade desencadeou o processo de urbanização, que passa a cooptar os cidadãos a um estilo de vida próprio da cidade moderna, onde o indivíduo passa a habitar a cidade, sendo esse habitar imbuído de um sentido de apropriação em Lefebvre (1971). Para o autor, habitar é apropriar-se de algo, todavia essa apropriação não significa ter em propriedade mas sim fazer dela sua obra, por em seu próprio sentido.

Nossa intenção no presente artigo não é de maneira alguma apresentar uma reconstituição histórica da cidade, acreditamos que alguns competentes autores já se encarregaram dessa responsabilidade. O que buscamos aqui é apresentar qual o conceito de cidade e urbano que será o fio condutor do nosso pensamento acerca de uma cidade lúdica. É interessante também pensar no urbano não como uma totalidade acabada, pelo contrário, o urbano se faz em movimento. Segundo Lefebvre (2008) “ (...) a sociedade urbana não se encontra acabada. Ela se faz. É uma tendência que já se manifesta, mas que está destinada a se desenvolver. (LEFEBVRE 2008 p. 81).

É importante refletir a respeito do papel da propriedade privada na cidade, para tal partimos da abordagem não reducionista de uma propriedade privada e pública como contrapontos. Podemos observar nesses conceitos uma afinidade. Quando nos remetemos a espaços da vida pública e da vida privada tomamos como norte a abordagem observada por Alves (2015).

A propriedade privada, portanto, constitui-se como um regime de poder constituído histórica e socialmente que permite a apropriação de trabalho objetivado alheio por aquele que não o produziu. Do mesmo modo, a propriedade pública encontra seu fundamento em um apossamento violento e reitera esse processo cotidianamente (...) (ALVES 2015 p. 276)

Ao nos depararmos com uma construção histórica da propriedade privada na cidade reconhecemos que a mesma é imbuída de um aparato legal e socialmente construído ao passo que a produção da cidade se dá nesse âmbito entre uma tênue linha que separa esses dois espaços da cidade, sendo o espaço público a luz a qual seguiremos na construção de suas representações, como a cidade lúdica.

### **Considerações sobre a cidade lúdica: a arte urbana e seus diferentes significados**

Aqui pretendemos imergir no pensamento acerca de uma alternativa de cidade, essa se encontra no ceio das discussões de Lefebvre, sempre acreditando em uma abordagem utópica onde o homem capaz de criar e recriar seria capaz também de transgredir esse modelo de vida ao qual nos encontramos aprisionados nas amarras do capitalismo moderno.

David Harvey (2014) no prefácio de seu livro “Cidades Rebeldes” dedica intensas palavras para discorrer sobre a visão de Lefebvre e apresenta principalmente essa abordagem do autor acerca dessa dimensão da cidade vivida, em seu cotidiano e principalmente a passagem dessa cidade tradicional, processo o qual Lefebvre viveu empiricamente nas ruas parisienses. Para o autor “A cidade tradicional foi morta pelo desenvolvimento capitalista descontrolado, vitimada por sua interminável necessidade de dispor da acumulação desenfreada de capital(...)” (HARVEY 2014 p. 20). Essa cidade se apresentou então como uma realidade sufocada, onde a única saída seria um movimento anticapitalista no rumo das transformações da vida urbana das grandes cidades.

Esse processo de transformação da cidade se daria principalmente através do conceito cunhado no situacionismo de deriva, onde essa 'revolução' se daria no cotidiano, acreditando em uma revolução cultural onde segundo

Lefebvre (1991) “Nossa revolução cultural tem como fim e sentido a criação de uma cultura que não seja instituição , mas estilo de vida.” (LEFEBVRE 1991 p. 214).

Acreditando nessa revolução que transforme não só a forma mas a forma-conteúdo e a estrutura na vida urbana Lefebvre acreditava na produção e reprodução de um cotidiano como obra, e esse sentido de obra podemos observar como segundo Lefebvre (1991).

Mentalmente, o termo “obra” não designa mais um objeto de arte, mas uma atividade que se conhece, que se concebe, que se reproduz suas próprias condições, que se apropria dessas condições e de sua natureza (corpo, desejo, tempo, espaço), que se torna a *sua obra*. Socialmente, o termo designa a atividade de um grupo que toma em suas mãos e a seu cargo seu papel e seu destino social, ou seja, uma *autogestão*. (LEFEBVRE 1991 p. 215)

Apresentamos então como uma alternativa a essa cidade lúdica a arte, com seu ímpar papel na sociedade moderna, se apresentando concomitantemente como uma reprodução capitalista processual e ao mesmo tempo com um espaço claro de subversão e insurgência, onde por vezes os artistas se apresentam como atores e agentes no espaço urbano.

Esses espaços comuns se transfiguram então em incontáveis galerias de arte a céu aberto, apresentando um imenso reducionismo pensar na arte urbana apenas a partir de sua estética. O simbolismo que carrega essas manifestações artísticas no espaço é objeto de estudo da arquiteta Vera Pallamin (2000), no qual segundo a autora a arte urbana se apresenta como “O efêmero, a descontinuidade e a fragmentação têm sido descongelados no clima contemporâneo, umedecendo terrenos da produção e reprodução material e simbólica.” (PALLAMIN 2000 p.18).

Acerca da efemeridade da arte urbana, podemos então observar em Paul Claval (2004) quando aborda em artigo intitulado 'Festa e a cidade' a

efemeridade da festa e a forma que ela recria o imaginário urbano, apresentando rupturas no cotidiano.

A evolução contemporânea acentua a especialização profissional, reduz os serviços, fraciona as temporalidades. A festa contraria essas tendências: recria o urbano porque instaura os ritmos e os momentos que todos partilham. Ela dá unidade às existências que o cotidiano justapõe sem integrar (...) (CLAVAL 2004 p. 35)

Podemos transpor então essa abordagem das contribuições da festa para a cidade, observando pelo prisma das manifestações artísticas no espaço e principalmente no espaço público da cidade, onde as obras ali instaladas adquirem o mesmo papel da festa, de quebrar o ritmo cotidiano apresentando uma abordagem lúdica e artística.

Mas quais seriam os reais significados da arte urbana? Partimos da premissa de que qualquer manifestação se dá a partir de múltiplas dimensões no espaço-tempo, observando principalmente que as relações sociais se desdobram no espaço vivido, onde são tecidos movimentos intensos, como segundo Pallamin (2000).

(...) tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem rever seus próprios papéis diante de tais transformações: quais espaços e representações modelam ou ajudam a modelar, quais balizas utilizam em suas atuações nesse processo de construção social. (PALLAMIN 2000 p. 19)

Re-imaginar a cidade é uma aspiração que paira sob o consciente de diversos transeuntes do espaço urbano, o papel da arte é em sua ação subjetiva apresentar esse processo com sutileza, amenidade, encher de esperança os que já não acreditam mais em um futuro diferente.

Observamos essa cidade lúdica imersa no rico pensamento lefebvreano sempre carregado da utopia, apresentando a utopia não como o inalcançável mas como um impossível possível, onde a partir dele miremos a

construção da nossa cidade, de todos e com espaços não infectados pela lógica agressiva do capitalismo moderno. Segundo Lefebvre (1971):

Para la ciudad del futuro, donde el ocio desempeñará un papel importante, propondería un esquema de ciudad lúdica utópica, cuyo centro se dedicaría a juegos y espacio lúdico, comprendiendo todas las variedades de juegos, desde los juegos sin objetivo prévio, hasta los culturales; desde el teatro hasta los deportes. (LEFEBVRE 1971 p.211)

Elucidaremos então o papel da arte urbana na construção dessa cidade lúdica, principalmente no seio das cidades modernas e como se apresentam exemplos de construção dessa alternativa a estrutura capitalista-produtiva da cidade.

### **A arte na cidade: arquétipos do lúdico**

Imersos no contexto social vivido, observamos a cidade com um olhar engessado pelas relações sociais capitalistas, é só pensarmos a quantidade de dias que temos livres em nossa rotina atarefada e complexa de trabalho, quais daqueles dias realmente saímos do ceio de nosso lar rumo a cidade aberta a fim de ocupar os espaços em um fim não engolido pelo cotidiano capitalista de produção e reprodução.

Quando Raoul Vaneigem (2002) traz a tona seu ácido e cortante livro 'A arte de viver para as novas gerações' sua preocupação é principalmente apresentar a realidade crua do capitalismo moderno e sua apropriação do homem e assim apresentar saídas. Para Vaneigem (2002) “É verdade que o hábito mutilou de tal modo o homem que ele pensa que, ao mutilar-se, obedece à lei natural.” (VANEIGEM 2002 p. 107). Esse hábito descrito pelo autor é a representação da apropriação do tempo pelo capitalismo, no qual nosso tempo é financeirizado em horas trabalhadas, e nossa passagem na cidade restrita a

esse movimento pendular de trabalho-moradia, sufocando aos poucos nossa vivência.

A arte urbana se apresenta na cidade, sua ausência também é presença, presença de normas e regimentos que rompem com essa apropriação social de espaços comuns. Observamos então a partir de um dos mentores do movimento situacionista o escritor francês Guy Debord (1997) em sua abordagem acerca do espetáculo.

O mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o espetáculo apresenta é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. O mundo da mercadoria é mostrado como ele é, com seu movimento idêntico ao afastamento dos homens entre si, diante de seu produto global. (DEBORD 1997 p. 29)

A espetacularização da arte também invade o espaço da arte urbana, cujo papel é bem definido no ato de ocupar e se mostrar no público a partir de uma aspiração. No seio dessa discussão, Ferreira (2005) traz uma abordagem em seu artigo acerca do espaço urbano na arte e sua apropriação.

A espetacularização inerente a esses processos deve ser evitada, com o risco de a obra perder seu sentido intrínseco e transformar-se em apenas uma alegoria, pois há uma apropriação desse tipo de arte para a valorização de identidades urbanas (...) (FERREIRA 2005 p. 06)

Essa apropriação da arte urbana pelos meios de reprodução cultural é um processo facilmente identificado, observamos a estética por exemplo do movimento Hip-hop sendo utilizada no mundo todo como uma referência a estar nas ruas.

Para os situacionistas, a revolução se daria no cotidiano. Aqui estabelecemos o diálogo com três importantes participantes desse movimento: Raoul Vaneigem, Guy Debord e Henri Lefebvre. Em ações de deriva nas quais deveríamos percorrer os caminhos da mente, acreditavam sempre em uma individualidade, distinta do individualismo pregado no capitalismo, em que cada

ser é fechado para dentro de si, o princípio da individualidade é na autonomia, independência que cada ser tem em si.

Apresentaremos aqui então alguns exemplos de intervenções na cidade lúdica, propostas que recriam e re-imaginam a cidade a partir da arte urbana. São projetos cuja arte é o suporte para intervenções a fim de atribuir através de suas obras e se emancipar dos mercados artísticos que tanto se apropriam da arte na cidade.

O primeiro exemplo que trazemos é a proposta vencedora de um concurso promovido pela municipalidade de Madrid na Espanha, com o projeto Sempre Festa. Segundo Taylor-Foster (2014):

Siempre Fiesta (Sempre Festa) de Andrés Carretero e Carolina Klocker foi recentemente escolhido pela We-Traders como sua proposta favorita da competição Open Call Madrid. Enxergando a cidade através dos olhos de uma criança - onde a ordem do dia é, essencialmente, brincar ou inventar algo - e usando o conceito do "movimento livre de nossos corpos no espaço" como um aspecto fundamental, Carretero e Klocker desenvolveram um esquema lúdico que propõe preencher com areia um vazio da malha urbana de Madri - um modo de moldar o ambiente para criar "espaços confortáveis". (TAYLOR-FOSTER 2014)

Observamos então como nos tempos que vivemos é inusitado o espaço do lúdico, pensar um espaço que não possua uma função estrutural, a não ser a frugal utilização da diversão.

Na luz desses movimentos de intervenções urbanas, observamos no projeto a revitalização da Praça de San Miguel em Toledo, Espanha. Um projeto que tem como centro de ação a arte urbana a partir da utilização do artesanato local para imbuir esse espaço de um novo significado para os transeuntes. Segundo Pedrotti (2016):

Trata-se de uma proposta de intervenção urbana que tem como objetivo principal revitalizar o espaço público degradado (...) um espaço simples e aberto a todos os vizinhos, que clama a converter-se em um novo símbolo para a cidade, graças ao uso contemporâneo

de um material tradicional e artesanal como a famosa cerâmica de Talavera, símbolo bastante tradicional da cultura local que é motivo para orgulho de seus habitantes. (PEDROTTI 2016)

A intencionalidade de todos esses projetos e principalmente dos atores sociais que todos os dias intervêm na cidade, como por exemplo artistas de rua, grafiteiros, malabaristas, em suas intervenções se apropriam da cidade não em seu sentido de posse ou poder, mas em habitar o espaço urbano em sua totalidade.

Inseridos nesse discurso nos remetemos ao discurso do professor Alvaro Ferreira (2016) no qual observa qual deveria ser a funcionalidade dessa cidade lúdica: “A cidade é para ser vivida em plenitude por todos os cidadãos, assim é necessário articular arte, cultura, comunicação e direcionamento político para realizar a verdadeira transformação do espaço urbano (FERREIRA 2016 p.13).

### **Considerações finais**

Gastamos aqui algumas linhas tentando primeiramente compreender o contexto de centro urbano ao qual estamos submetidos, entendendo a cidade que se apresenta em sua produção e reprodução. Buscamos também entender a fuga para o lúdico na cidade, na criação de subterfúgios à cruel realidade do cotidiano programado de incessante trabalho e a circulação produtiva na cidade.

Aqui buscamos nos sustentar a partir do papel da arte urbana, inserida no contexto de subversão e como forma de recriar o espaço urbano, entendendo seu papel de transformação. A quebra do ritmo produtivo da cidade é com certeza um ponto de respiração em centros urbanos cada vez mais sufocados, além de significar uma resposta, revide as pressões cotidianas.

Trouxemos ao foco exemplos de intervenções urbanas voltadas para o lúdico, discutindo principalmente qual o papel desses espaços ociosos, lúdicos para a construção de uma nova cidade, principalmente resguardada no ideal utópico de um impossível possível

Vivemos em uma época intensa de rupturas e conflitos, e é nesses momentos que se deve ter a percepção de um novo mundo, um subterfúgio a essa realidade viciada, programada pelas mãos invisíveis e poderosas do capital. A cidade se apresenta como foco, nó de todo esse sistema, e a subversão é a saída e em uma cidade que promove atentados diários no cotidiano, a arte se apresenta não só como um lúdico manifesto mas como uma oportunidade de rompimento.

A arte tem esse papel, de expor os conflitos sejam eles de cunho interno o fruto das relações sociais, nos reconhecemos na arte e nos fazemos dela. A arte urbana e seu caráter contestador sempre serviu de instrumento aos movimentos sociais, se revelando como um movimento insurgente, em tom de conclusão trazemos a tona na frugalidade nas palavras do cronista uruguaio Eduardo Galeano (2002) as paredes falam e se estamos abertos a escutar empregamos à arte seu mais importante papel.

Dizem as paredes / 4

Em pleno centro de Medellín: A letra com sangue entra. Embaixo, assinando: Carrasco alfabetizador. Na cidade uruguaia de Melo: Ajude a polícia: torture-se. Num muro de Masatepe, na Nicarágua, pouco depois da queda do ditador Somoza: Vão morrer de saudades, mas não voltarão. (GALEANO 2002 p. 106)

## **Referências Bibliográficas**

ALVES, Rafael de Oliveira. **O direito e a propriedade: o privado, o público, o comum**. IN: Teorias e práticas urbanas: considerações para a sociedade urbana. COSTA, Geraldo Magela; COSTA, Heloisa Soares de Moura; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

BESSE, Jean-Marc. **As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas contemporâneas**. In: BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

CLAVAL, Paul. **A festa e a cidade**. In: CIDADES: Revista científica / Grupo de estudos urbanos – vol.1, n.1 – Presidene Prudente, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Alvaro. **A produção da cidade com justiça social: por uma perspectiva utópica**. XIV Coloquio Internacional de Geocrítica. Barcelona, 2016.

FERREIRA, Luana Maia. **O espaço urbano como suporte para a arte**. IN: Simpósio Nacional sobre Geografia, percepção e cognição do meio ambiente. S/N. Londrina, 2005.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **El urbanismo de hoy**. Mitos y realidades. In: LEFEBVRE, Henri. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Península, 1971. p. 205-214.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade e o urbano**. In: LEFEBVRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 79-88 (LEFEBVRE, Henri. La ciudad y

lo urbano. In LEFEBVRE, Henri. Espaço y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976, p. 63-71).

LEFEBVRE, Henri. **Rumo à revolução cultural permanente**. IN: LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Editora Ática, 1991.

HARVEY, David. **Prefácio: a visão de Henri Lefebvre**. IN: HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo : Martins Fontes, 2014, p. 9-24.

PALLAMIN, Vera. **Arte Urbana: São Paulo – Região central (1945-1998) Obras de caráter temporário e permanente**. São Paulo: Fapesp. 2000.

PEDROTTI, Gabriel. **Revitalização da Praça de San Miguel / OOIO**. 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/781182/rehabilitacion-praca-de-san-miguel-ooio>> Acesso em: Julho de 2016.

SENNETT, Richard. **Corpos Cívicos: Nova York multicultural**. IN: SENNETT, Richard. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record. 2003.

TAYLOR-FOSTER, James. **Reimaginando de forma lúdica a esfera urbana de Madri**. 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-186845/reimaginando-de-forma-ludica-a-esfera-urbana-de-madri>> Acesso em: Julho de 2016.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Coleção Baderna). 2002.